



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Mesa de Abertura

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte e Grão Chanceler da PUC Minas.

Aos senhores e senhoras aqui presentes, minha saudação e alegria de poder, nesta manhã de abertura deste Terceiro Seminário Internacional Sociedade Inclusiva, poder participar e, com esta palavra, me colocar em reflexão a serviço dos que aqui se reúnem, trazendo a presença de diversos segmentos, grupos e perspectivas no contexto da nossa sociedade e da nossa Universidade.

A alegria é também muito grande por ter a oportunidade de exercer a minha missão nesta Universidade, fazendo-me presente em eventos de importância como este, e tantos outros, noutras áreas e noutras perspectivas, e nesse desejo que marca o coração de todo pastor, que é a de estar próximo, de conhecer de perto, o que certamente farei muitas vezes, de muitos modos em relação ao corpo docente e discente e corpo técnico desta Universidade.

Minha saudação muito fraterna ao Ministro de Estado do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Professor Patrus Ananias. Quero saudar o nosso Reitor em exercício, Professor Eustáquio Araújo e, na pessoa dele, todos os que compõem o caminho tão importante desta nossa Universidade Católica. Quero saudar a Rosilene Cristina Rocha, secretária municipal de Assistência Social, representando o Senhor Prefeito Municipal; minha saudação à Pró-Reitora de Extensão da PUC MINAS, Professora Vera Victor; saudação à Ilustríssima Sra. Miriam Brum representando o presidente da FUNARTE, saudação à Professora Rosa Maria Correia, coordenadora do Fórum Sociedade Inclusiva; saudação ao vereador Arnaldo Godoy.

Quero, neste instante, compartilhar uma reflexão que constitui, considero, pano de fundo e moldura de um seminário como este; uma reflexão que pode parecer distante às urgências de necessidades de respostas, de encaminhamentos e de discussões práticas, mas, na verdade, que iluminam este caminho, como estas luzes e holofotes acesos dão

condição de nos vermos aqui uns aos outros, neste recinto, e de nos locomovermos e de fazer outras tantas coisas importantes com a visão que nós temos; luzes sem as quais seria impossível que pudéssemos contemplar, por exemplo, a simpatia dos nossos rostos. Considero portanto esta reflexão, como possibilidade, o que quero compartilhar, agora, de se ter, para uma boa prática, uma iluminada perspectiva teórica.

Quero então rapidamente falar, entre as questões importantes de fundo, de 3 questões fundamentais.

A primeira é sobre intolerância; a segunda, sobre preconceito e discriminação; e a terceira, crise ética. Cada uma delas quero compartilhar, iluminando com uma referência do Novo Testamento.

Ao falar de intolerância, estou pensando imediatamente num episódio acontecido com Jesus, no capítulo 4, narrado pelo evangelista João, quando ele se encontrava no território dos samaritanos e parou ali num lugar, naquele solo escaldante, para tomar um pouco d'água à beira do poço de Jacó, e ali chegou uma mulher samaritana enquanto seus discípulos estavam procurando alimento. O diálogo que se fez revela uma questão muito séria, de fundo, que atinge a humanidade neste momento de sua história.

São as diferenças entre dois povos, criando hostilidades muito sérias em razão da questão religiosa e cultural de fundo, gerando na história daqueles dois povos, samaritanos e judeus, diferenças enormes, hostilidades muito grandes com um comprometimento muito sério do relacionamento entre aquelas duas sociedades.

Jesus conversa com ela e a remete a uma perspectiva que está para além da simples territorialidade, daquelas duas diferentes culturas, para se compreender que existe algo que, de fato, ultrapassa aquilo que se tem no âmbito de uma cultura, de um povo, ou de um território e de hábitos. Mostrando, portanto, naquele diálogo educativo que uma sociedade, ou as sociedades, de fato, para colaborar em todo tipo de inclusão, precisam aprender a projetar um olhar que está para além das circunstâncias, tão simplesmente que se vive, que se justifica e que faz parte como sociedade e como cultura.

Nós, portanto, estamos travando um contexto macro, portanto mundial, a grande luta em relação às pequenas, médias e grandes intolerâncias religiosas e culturais. Isso se arraiga de uma maneira tão forte, constituindo impeditivo radical, portanto, para qualquer proposta prática de inclusão que nos faz ter notícias de situações tais como:

Na África, duas comunidades de frades capuchinhos, mas pertencentes a grupos de culturas diferentes, numa noite em que se encontravam numa outra fraternidade, tiveram notícias de seus confrades, por razão de serem religiosos capuchinhos de uma mesma ordem, seriam atacados e todos mortos e sua fraternidade destruída. Aqueles nada fizeram pelos outros, porque na raiz estava uma convicção que era muito mais uma intolerância religiosa em função de uma fidelidade a uma questão tribal. Dou um exemplo de fora e de longe, para que seja uma luz iluminando situações talvez muito próximas de nós.

Passo ao segundo ponto em relação à discriminação e ao preconceito e relembro um fato do capítulo 2 do Evangelho de Marcos, quando Jesus encontra-se com a Lei: Mateus o cobrador de impostos, portanto numa situação pessoal muito comprometida. Primeiro porque este, judeu, agia em função de um sistema que oprimia seus conterrâneos, seus concidadãos e depois porque se tratava de uma atividade sobre a qual pesava toda suspeita de honestidade. E Jesus então o convida para fazer parte do seu grupo, com uma palavra muito forte, que ecoa no coração dele: - Vem e segue-me. E depois vai a sua casa e, com aqueles seus pares, almoça na sua casa.

E as autoridades religiosas condenaram Jesus e o criticaram fortemente porque ele, diziam, comia com os pecadores. Revelavam, portanto, uma situação do alcance do preconceito, e aqui à luz desse texto e desse acontecimento, focalizo sobretudo o desafio enorme de não se poder avançar muito, de se poder ser uma sociedade inclusiva quando, na verdade, o preconceito e a discriminação, ora por razões moralistas, ora por razões interesseiras, ora por razões muito partidárias, de todo matiz, seja político, cultural como também um impeditivo fundamental para o avanço de um processo de sociedade inclusiva.

Por último, ao lado destas três questões desafiadoras: intolerância, preconceito e discriminação, o desafio que um Projeto de Sociedade Inclusiva encontra é exatamente em torno da crise ética que vivemos em nosso contexto de mundo e de sociedade brasileira. E aqui quero recordar uma simples passagem do capítulo 5 dos Atos dos Apóstolos, quando naquele contexto de exatamente se desenvolver uma sociedade inclusiva, que é o modelo da comunidade da Igreja nascente 2.000 anos atrás, um acontecimento que pesou sobre um casal chamado Safira e Ananias, quando eles, para

participarem do projeto de uma sociedade inclusiva deveriam colocar em comum os bens que possuíam; e assim como todos os outros faziam, vendiam tudo o que possuíam e colocavam entre eles, de tal maneira que, entre eles, não havia necessitados.

Eles, então, venderam o que possuíam, mas enganando, colocaram em comum apenas uma parte. E o texto narra, dentro do seu contexto de dinâmica literária, o acontecimento imediato da mentira colocada, da desonestidade, que foi exatamente a morte de Ananias. Quando Safira chega é interpelada: - Como vocês fizeram isso? E ela tentou também enganar, dizendo que não tinha sido assim. Assim como, muitas vezes, deslavadamente se fala de mentira como se fosse verdade. E o acontecimento foi a sua morte imediata. Esse episódio, sem fazer outra análise exegética mais profunda, mostra que a existência da corrupção, da desonestidade, é de fato um buraco terrível, quase insuperável, para se levar em frente um projeto de sociedade inclusiva.

Isto é o que, portanto, ao olhar a figura de Safira e Ananias, traz, não só para o contexto global, mas para o sentido da postura ética, de cada pessoa, segundo as exigências da cidadania e sua fé, a exigência de uma postura transparente, marcada por valores éticos e articulada por uma dinâmica de moralidade muito profunda.

Penso e isso compartilho neste contexto em que os avanços na direção de intercâmbios, de sugestões de partilhas, de propostas concretas em função de uma sociedade inclusiva, que estas três questões de fundo, entre tantas outras, são de importante consideração para uma mudança de cultura, para uma mudança de mentalidade e para um balizamento diferente do funcionamento da sociedade.

Obrigado pela escuta e votos de que este caminho no Seminário possa, de fato, representar uma grande contribuição na Universidade, para nossa sociedade, neste momento tão importante e sério de nossa história que a todos nós, por cidadania e por fé, compromete.

Obrigado.